

EXPEDIÇÃO ROOSEVELT-RONDON:

ANOTAÇÕES DE UMA VIAGEM NO TEMPO

Roosevelt e Rondon na Amazônia: há um século.



ALMANAC OF THEODORE ROOSEVELT

Em anos depois da Expedição Científica Roosevelt-Rondon, a história é revisitada e um grupo de pesquisadores refaz o trajeto dos pioneiros. Aqui, além de uma homenagem aos que perderam a vida na Amazônia durante a épica missão do Marechal Rondon, em 1914, publicamos trechos do diário do Cel Ex Hiram Reis e Silva, um dos membros da equipe que voltou ao Rio Roosevelt, entre outubro e novembro de 2014, ao lado do engenheiro Marc Meyers, do professor americano Jeffrey Lehman, apresentador de TV e produtor do programa “Weekend Explorer”, e do Cel Ex Ivan Carlos Angonese. A nova jornada ao Rio Roosevelt (na época, Rio da Dúvida) foi encerrada no dia 13 de novembro do ano passado. O percurso de 700km foi feito em 21 dias, 38 a menos que Roosevelt. Os aventureiros percorreram o rio desde sua nascente, em Rondônia, até desaguar no Rio Aripuanã, no Amazonas. A travessia será tema de um documentário que mostrará a região e o ecossistema em comparação com os idos de 1914. Os pesquisadores agora buscam recursos, incluindo doações de amigos e de instituições que reconhecem a importância das expedições, para outra aventura científica: a Descida do Amazonas (Oriximiná (PA) – Macapá (AP).

Penas que as autoridades tupiniquins não tenham tido a capacidade de aquilatar a relevância de nossa descida pelo antigo Rio da Dúvida, hoje Rio Roosevelt, desde Rondônia, atravessando o Noroeste do Mato Grosso até o Amazonas, e da homenagem que seus expedicionários se propunham a prestar à memória de Cândido Mariano da Silva Rondon – o Marechal da Paz – e a Theodore Roosevelt – o ex-Presidente dos EUA. Há cem anos, estes dois grandes nomes da historiografia universal gravaram, para sempre, seus nomes no “pantheon” dos heróis da humanidade ao realizar a épica descida por um rio totalmente desconhecido, per-

meado de diversos saltos, cachoeiras e corredeiras. Justa homenagem, igualmente, merecem todos os heróis esquecidos, militares e civis, que tombaram nos “ermos sem fim” dos sertões inóspitos lançando linhas telegráficas ou demarcando nossas fronteiras. Como o Tenente João Salustiano Lyra que, nos idos de 1914, acompanhou Rondon na sua descida pelo Rio Roosevelt, morrendo afogado, em 1917, no Rio Sepotuba, hoje Rio Tenente Lyra. O jovem militar esteve ao lado de Rondon em três expedições de reconhecimento e exploração de 1907, 1908 e 1909, de Mato Grosso ao Amazonas, além da Expedição Científica Roosevelt-Rondon em 1913-1914. Na



Em campo, os pesquisadores Jeffrey, Hiran, Marc e Angonesi.

ARQUIVO PESSOAL

mesmo acidente, perdeu a vida o Tenente Eduardo de Abreu Botelho. Lyra chefiava uma equipe em trabalhos de levantamento da carta de Mato Grosso. O livro “Impressões da Comissão Rondon”, do Coronel Amílcar Armando Botelho, revela que os dois oficiais atiraram-se nas águas agitadas para evitar, como evitaram, que naufragasse a canoa que os transportava e que levava as cadernetas de levantamento com o resultado do trabalho até então executado. Os documentos foram preservados. Lyra e Botelho, contudo, foram arrastados pela correnteza. Um episódio que simboliza o supremo sacrifício pelo Brasil.

DIA 22/10/2014 FAZENDA BALIZA

“Partimos da Fazenda Baliza, pouco depois das 8h, muitas árvores caídas dificultavam a navegação e tive de socorrer o Dr. Marc que, apesar de sofrer dois naufrágios, manteve, em cada oportunidade, uma notável tranquilidade para um neófito canoero. O Cel Angonese e Jeffrey enfrentaram com galhardia as barreiras formadas pelos troncos manejando com certa dificuldade a frágil e carregada canoa. As buritiranas (Mauritiella aculeata), que Roosevelt observara na sua saga, há cem anos, ali estavam representadas por suas descendentes com seus troncos, cobertos de espinhos, graciosamente curvados sobre as águas. A navegabilidade melhorou sensivelmente depois da confluência com o Rio Festa da Bandei-

ra. As águas estavam mais serenas e a largura do rio não permitia que as árvores tombadas bloqueassem-no em toda amplitude. A progressão tornou-se mais fácil, mas não mais veloz, já que a vazão permanecia praticamente a mesma”.

DIA 24/11/2014 JUSANTE DO SALTO NAVAITÉ

“Iniciamos logo cedo o extenuante transporte de todo o material para o acampamento à jusante do Salto Navaité. Existia uma trilha relativamente recente que facilitou o transporte das embarcações, com a utilização de um carrinho que o Dr. Marc trouxe dos EUA para esta finalidade. Levamos a manhã inteira para transpor o acampamento de montante para jusante. Depois do almoço, passamos a tarde reconhecendo e fotografando o complexo de Navaité. O maior estreito ou angustura, como diriam os antigos de todo o Rio Roosevelt. O rio cuja largura, à montante, variava de 20 a 30m, passava agora por uma estreita fenda de menos de dois metros de largura e como sua vazão permanece praticamente idêntica à de montante, isso indica que sua seção transversal é provavelmente a mesma, isso quer dizer que a profundidade neste local é muito grande, em torno de 15 a 20 metros. Observando os grandes lajedos de arenito e conglomerados friáveis, eu identificava alguns deles onde Rondon e Roosevelt tinham sido fotografados. A beleza agreste daquelas formações, o medonho fragor

do caudal confinado, de repente, e as águas tumultuárias e refulgentes emocionavam-me. Engarupado na anca da história, eu via ou sentia a presença daqueles personagens que há cem anos palmilharam aqueles sítios gravando indelevelmente sua passagem em cada um deles”.

27/10/2014

VILHENA

“Em Vilhena, nos reorganizamos e identificamos o ponto mais favorável para dar continuidade à nossa expedição. Partimos com destino à balsa do “Condomínio Aprovale”. A viagem transcorreu sem grandes novidades até alcançarmos o território dos Zoró, onde era intenso o movimento de caminhões carregados com toras de madeira. Observamos algumas destas toras sem a devida identificação e outras cortadas, aguardando transporte, sinais claros de exploração madeireira irregular dentro da Área Indígena. Assim como os Cinta-Larga, os Zoró barganham, sem qualquer controle, suas riquezas naturais mostrando total despreocupação com o legado de seus antepassados. Felizmente, ninguém nos cobrou pedágio na passagem da cancela por uma de suas aldeias. Às margens do Roosevelt, constatamos sua pujança depois de receber seu mais poderoso afluente – o Rio Cardoso”.

DIA 28/10/2014

RIO ROOSEVELT – PONTE DA APROVALE

“Percorremos uma das trilhas usada pelos pescadores para chegar até a margem direita do Rio. Descarregamos as embarcações e a carga e reiniciamos nossa jornada. O Rio Roosevelt tinha agora outras características, a correnteza, a largura eram

maiores, a fauna mais diversificada com a presença das belas e solitárias garças mouras (*Ardea cocoi*) que agora davam seu ar de graça. As aves mais comuns em toda extensão continuavam sendo as andorinhas-de-peito-branco (*Atticora tibialis*), os martins-pescadores-pequenos (*Chloroceryle americana*) e martins-pescadores-grandes (*Megaceryle torquata*), os biguás (*Phalacrocorax brasilianus*) e os socós-boi (*Tigrisoma lineatum*). As araras Canindé (*Ara ararauna*) de vistosa coloração azul ultramarino no dorso e amarelo-dourado na parte inferior que avistamos na primeira fase de nossa descida (Rondônia) foram, progressivamente, substituídas aqui pelas belas Aracanga (*Ara macao*) de intensa coloração vermelha escarlate; asas tricolores (vermelho, amarelo na parte média e azul intenso nos extremos), rabadilha e base do rabo azul”.

DIA 31/10/2014

CACHOEIRA DAS TRÊS PIRANHAS

“A jornada foi tranquila e fizemos uma parada mais longa por volta das 12h em um ponto que eu assinalara como sendo um “Areal” e que na verdade eram rochedos. A baixa qualidade das fotos aéreas do Google Earth não permitia, por vezes, observar os detalhes corretamente. Continuamos nossa jornada e, pouco mais de uma hora depois, a uns oito quilômetros do “Areal”, comecei a ouvir um rugido conhecido de águas revoltas. Avisei meus parceiros que iria à frente fazer um reconhecimento e piquei a voga. A série de cachoeiras (Três Piranhas) era formada por um pequeno arquipélago e o rio fluía por três canais permeados de rochedos formando cinco degraus distintos e distantes de 50 a 100 metros uns dos outros. Verifiquei que a melhor opção era contornarmos

pela margem direita. O primeiro foi facilmente transposto a remo, no segundo, embora a queda não chegasse a um metro de altura, optamos por conduzir as embarcações à sirga, tendo em vista que as rochas poderiam danificar os cascos das mesmas. O terceiro foi transposto sem problemas pelos caiaques e ficamos observando e torcendo para que os “camaradas” o ultrapassassem, com sucesso, com sua pesada canoa. Os “camaradas” já dominavam com muita segurança a técnica de navegação da instável e pesada canoa e venceram esta etapa sem qualquer contratempo. O quarto degrau, semelhante ao primeiro, foi transposto sem qualquer dificuldade. Descuidei-me, por alguns segundos, e quase fui tragado pelo quinto e mais desafiador obstáculo de quase dois metros de altura que naquele local era formado por um intrincado labirinto de pedras aguçadas”.

DIA 4/11/2014 (TERÇA)

ILHA DO COTOVELO

“Desmontamos o acampamento e parti antes dos meus amigos, avisando que esperaria por eles quando encontrasse algum obstáculo e, caso isso não acontecesse, os aguardaria na Ilha do Cotovelo, a uns 18 km de distância. Ao chegar à ilha, espantei, sem querer, um pequeno jacaré que dormitava tranquilamente nas pedras. Aqui como nas demais Ilhas pedregosas de todo o Rio Roosevelt encontrei diversos arbustos de Camu-camu (*Myrciaria dúbia*), arbusto também conhecido como caçari ou arará encontrado na Amazônia às margens dos rio e lagos. A planta pode permanecer submersa de quatro a cinco meses e frutifica, nestes locais, no período que vai de novembro a março. Na terra firme, a floração pode ocorrer durante o ano inteiro. Os frutos são esféricos de 01 a 3,2 cm de diâmetro, de coloração avermelhada ou roxa. Possui vinte vezes mais vitamina C (ácido ascórbico) do que a acerola.

DIA 5/11/2014

FOZ IGARAPÉ SÃO LIBERATO

“O vazio demográfico impressionava, não havia viva alma por aquelas bandas. Os barrancos e a vegetação densa não mostravam nenhum lugar propício a um acampamento. Passei pela foz de um Igarapé onde havia uma mesa na barranca, aproximei-me do local e avistei as instalações de um acampamento de pescadores dentro do Parque Estadual Guariba. (...). Avistei um banco de areia, quase ao nível d’água, arvorei remo e ergui os olhos para os céus agradecendo ao Senhor de todos os Exércitos a bela visão. O idílico momento durou muito pou-



A repercussão internacional da travessia que comemorou 100 anos da Expedição Roosevelt-Rondon

co pois ao volver novamente os olhos para a terra dei de cara com a cabeça de um enorme jacaré-açu que pescava despreocupadamente piraputangas na Boca do belo Igarapé de águas pretas. A cabeça do enorme réptil tinha uns 70 cm e o animal ultrapassava seguramente os 5,5 metros. Com um movimento muito rápido, o gigantesco sauro lançou-se às águas do Rio Roosevelt e desapareceu num piscar de olhos. Não sei quem se assustou mais com a presença do outro, se eu ou o colossal jacaré, que o Jeffrey teima em chamar de “aligátor”. Foi o único animal deste porte avistado pela equipe em todo o Roosevelt, os demais eram pequenos e não chegavam aos dois metros de comprimento. Na minha descida pelo Rio Solimões, observei e fotografei grande quantidade destes sauros gigantes e muito gordos que ultrapassavam os seis metros, felizmente era uma área pródiga em recursos naturais e eles raramente atacavam os seres humanos”.

HIRAM REIS E SILVA é Coronel de Engenharia, Professor do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), Pesquisador do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX) e Presidente da Sociedade de Amigos da Amazônia Brasileira (SAMBRA) e Colaborador Emérito da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG). O blog desafiandooriomar.blogspot.com.br disponibiliza relatos e vídeo sobre suas expedições.



O professor da Universidade da Califórnia, Marc Meyers, e as canoas de fibra utilizadas na expedição

ARQUIVO PESSOAL